



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E  
DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO**

**MULHERES E LITERATURA: TRAJETÓRIAS NARRATIVAS E A ARTE  
COMO CONTRIBUIÇÃO CRÍTICA**

**JULIANA BORETTI LYRA**

Foz do Iguaçu  
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E  
DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO**

**MULHERES E LITERATURA: TRAJETÓRIAS NARRATIVAS E A ARTE  
COMO CONTRIBUIÇÃO CRÍTICA**

**JULIANA BORETTI LYRA**

Trabalho apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito final para a obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Educação

Orientador: Prof. Dr. Anaxsuell Fernando da Silva

Foz do Iguaçu, 2024

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

---

Nome completo do/a autor/a: Juliana Boretti Lyra

Curso: Especialização em Gênero e Diversidade na Educação

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	( X..) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

**Título do trabalho acadêmico:** Mulheres e literatura: trajetórias narrativas - A arte como contribuição crítica

Nome do orientador(a): Prof. Dr. Anaxsuell Fernando da Silva

Data da Defesa: 30 de setembro de 2024

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, 30 de setembro de 2024.

Assinatura do  
Responsável

Aos 30 dias do mês de setembro de 2024, no horário de 19h20 às 20h30, realizou-se a apresentação de trabalho de conclusão intitulado “**MULHERES E LITERATURA: TRAJETÓRIAS NARRATIVAS E A ARTE COMO CONTRIBUIÇÃO CRÍTICA**” do Curso de Especialização Gênero e Diversidade na Educação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). A banca examinadora constituída pelo professor orientador Anaxsuell Fernando da Silva e pelos professores Ms. Angel Ferreira e Ms. Silvio Borges da Silva Júnior emitiu o seguinte parecer:

O trabalho atende os requisitos básicos para aprovação em um curso de especialização. A banca sugere que seja feita ajustes e correções (inclusive relativas às normas da ABNT) e recomenda disseminação da proposta e sua publicação em revistas e congressos no campo da Educação.

Os professores avaliadores atribuíram o seguinte conceito:

- (X) A – Excelente, equivalente a um aproveitamento entre 90% e 100%.
- ( ) B – Bom, equivalente a um aproveitamento entre 80% e 89%.
- ( ) C – Regular, equivalente a um aproveitamento entre 70% e 79%.
- ( ) D – Insuficiente, equivalente a um aproveitamento inferior a 70%.

Sendo o resultado final aprovada, eu, Anaxsuell Fernando DaSilva, orientador do trabalho, lavrei a presente ata que segue por mim assinada e pelos demais membros da Banca Examinadora.

Documento assinado digitalmente  
**ANAXSUELL FERNANDO DA SILVA**  
Data: 03/10/2024 08:51:28-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente  
**Angela Ferreira**  
Data: 02/10/2024 07:49:35-0300  
CPF: \*\*\*.792.587-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Documento assinado digitalmente  
**SILVIO BORGES DA SILVA JUNIOR**  
Data: 01/10/2024 08:35:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Anaxsuell Fernando DaSilva  
Orientador

Prof. Ms. Angel Ferreira  
Examinador

Prof. Ms. Silvio Borges da Silva Jr  
Examinador

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação  
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - CENTRAL

L992

Lyra, Juliana Boretti.

Mulheres e literatura: trajetórias narrativas e a arte como contribuição crítica / Juliana Boretti Lyra. - Foz do Iguaçu, 2024.

42 f.: il., color.

Monografia (Pós-Graduação) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Educação. Foz do Iguaçu - PR, 2024.

Orientador: Anaxsuell Fernando da Silva.

1. Mulher. 2. Literatura. 3. Patriarcado. 4. Violência. 5. Oficinas. I. Silva, Anaxsuell Fernando da. II. Título.

CDU 82:305-055.2

*Dedico este trabalho à minha  
filha e a todas as meninas de  
sua geração. Que elas possam  
viver em um mundo melhor.*

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho só foi possível com o apoio e colaboração de pessoas às quais sou profundamente grata.

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos os professores que me acompanharam ao longo deste percurso acadêmico, especialmente ao meu orientador Anaxsuell Fernando da Silva. Mais que um orientador, um amigo querido, cujo apoio e compreensão nunca faltaram.

À professora Lorena Rodrigues Tavares de Freitas, de quem guardo com muito carinho os incentivos e ensinamentos ao longo da jornada acadêmica.

Aos queridos Angel Ferreira e Sílvio Borges da Silva Júnior, meu sincero agradecimento por aceitarem o convite de compor a banca e tornar esse momento possível.

Ao meu amor, Emerson Pereti, por todo apoio e amor e por tornar a vida mais leve e bonita a cada dia.

E, especialmente, às mulheres que foram essenciais neste processo de estudo e dedicação: à minha mãe, Cleusa, minha irmã, Thalyta, minha filha, Heloísa e minha sobrinha Maria Liz. Pela compreensão e ajuda de vocês é que esta iniciativa foi capaz de acontecer.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), que me proporcionou um ambiente de aprendizado plural e de qualidade e por ser um espaço onde pude crescer academicamente e pessoalmente.

A todas e todos meu mais profundo carinho e agradecimento.

## RESUMO

A literatura escrita por mulheres, ao longo da história ocidental, enfrenta problemáticas enraizadas na estrutura do sistema capitalista que marginaliza e subestima suas vozes. Através da leitura de obras de autoras latino-americanas, foram desenvolvidas oficinas com objetivo de instigar a reflexão crítica sobre as formas de opressão e marginalização das mulheres, quase sempre naturalizadas na sociedade. Essas narrativas literárias exemplificam várias violências enraizadas nas relações de dominação patriarcal e pressupõem seu reconhecimento inicial e a discussão sobre essas questões. O desenvolvimento dessas oficinas, juntamente aos estudos de gênero, possibilitam uma reflexão sobre as dinâmicas de poder e opressão, contribuindo para a construção de uma consciência crítica sobre a experiência feminina e seu papel na sociedade contemporânea, visando sua superação. O escopo teórico utilizado fundamenta-se nas obras *Desesterro* (2017), de Sheyla Smanioto, *Garota, mulher, outras* (2020), de Bernardine Evaristo, *Hospício é Deus* (2015), de Maura Lopes Cançado, *Saboroso Cadáver* (2017), de Augustina Bazterrica e *Chapada da Palma Roxa* (2019), de Tereza Albués.

**Palavras-chave:** mulher; literatura; patriarcado; violência; oficinas.

## RESUMEN

La literatura escrita por mujeres, a lo largo de la historia occidental, enfrenta problemas arraigados en la estructura del sistema capitalista que margina y subestima sus voces. A través de la lectura de obras de autoras latinoamericanas, se desarrollaron talleres con el objetivo de incitar a una reflexión crítica sobre las formas de opresión y marginación de las mujeres, casi siempre naturalizadas en la sociedad. Estas narrativas literarias ejemplifican diversas formas de violencia arraigadas en relaciones de dominación patriarcal y presuponen su reconocimiento y discusión inicial de estos temas. El desarrollo de estos talleres, junto con los estudios de género, posibilitan una reflexión sobre las dinámicas de poder y opresión, contribuyendo a la construcción de una conciencia crítica sobre la experiencia femenina y su papel en la sociedad contemporánea, con el objetivo de superarla. El alcance teórico utilizado se basa en las obras *Desesterro* (2017), de Sheyla Smanioto, *Garotas, mulheres, outras* (2020), de Bernardine Evaristo, *Hospício é Deus* (2015), de Maura Lopes Cançado, *Saboroso Cadáver* (2017), de Augustina Bazterrica y *Chapada da Palma Roxa* (2019), de Tereza Albués.

**Palabras clave:** mujer; literatura; patriarcado; violencia; talleres.

## ABSTRACT

Literature written by women throughout Western history has faced problems rooted in the structure of the capitalist system that marginalizes and underestimates their voices. Through the reading of works by Latin American authors, workshops were developed with the aim of instigating critical reflection on the forms of oppression and marginalization of women, which are usually naturalized in society. These literary narratives exemplify various forms of violence rooted in relations of patriarchal domination and presuppose their initial recognition and discussion of these issues. The development of these workshops, together with gender studies, allows for reflection on the dynamics of power and oppression, contributing to the construction of a critical awareness of the female experience and its role in contemporary society, aiming to overcome it. The theoretical *scope* used is based on the works *Desesterro* (2017), by Sheyla Smanioto, *Garota, mulher, outras* (2020), by Bernardine Evaristo, *Hospício é Deus* (2015), by Maura Lopes Caçado, *Saboroso Cadáver* (2017), by Augustina Bazterrica and *Chapada da Palma Roxa* (2019), by Tereza Albues.

**Key words:** woman; literature; patriarchy; violence; workshops.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>A literatura como reflexão social</b>	<b>13</b>
<b>Mulheres e literatura: trajetórias narrativas</b>	<b>15</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>23</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>24</b>
<b>ANEXO A</b> – trecho da obra <i>Desesterro</i> (2017)	
<b>ANEXO B</b> – trecho da obra <i>Garota, mulher, outras</i> (2020)	
<b>ANEXO C</b> – trechos da obra <i>Hospício é Deus</i> (2015)	
<b>ANEXO D</b> – Trechos da obra <i>Cadáver exquisito</i> (2017)	
<b>ANEXO E</b> – Trecho da obra <i>Chapada da Palma Roxa</i> (2019)	
<b>ANEXO F</b> – Fotos dos encontros	

## INTRODUÇÃO

A caracterização da mulher em obras literárias, por muito tempo, foi moldada por homens e passou pelo crivo de um cânone literário predominantemente masculino. Concomitantemente, a literatura escrita por mulheres enfrentou, e ainda enfrenta, inúmeras problemáticas ao longo da história ocidental, resultado do sistema capitalista-patriarcal. Questões como a discriminação, o silenciamento e o machismo estrutural, se manifestam na sociedade, na política, esferas que frequentemente marginalizam e subestimam as vozes femininas.

Ao examinar como a obra literária aborda aspectos da vida social relativas à mulher e como o patriarcado moldou e ainda molda a forma como ela é vista em setores expressivos da sociedade, percebe-se que a arte literária não existe isoladamente. Ela está ligada à realidade, estabelecendo um diálogo contínuo entre os fatos da vida e suas representações artístico-literárias. Como afirma Anselmo Peres Alós, em seu artigo “Literatura comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas”: “O valor artístico dos artefatos literários, por grande tempo considerado uma qualidade intrínseca, passa a ser visto como o resultado da interação de fatores extrínsecos, fatores estes que sempre incluem nuances políticas” (Alós, 2012, p. 12).

A literatura nos permite identificar padrões, diferenças e transformações nas caracterizações femininas ao longo do tempo. Além disso, podemos observar como as autoras utilizam a linguagem e a narrativa para desafiar estereótipos de gênero, expondo-os, questionando-os, através das vozes dos narradores e dos personagens. E, nas palavras de Anselmo Peres Alós, “um processo constante de reescritura do passado a partir de problemas do presente, estabelecendo, nos estudos comparatistas, uma verdadeira dialética entre passado e presente” (p.12).

Essas palavras de Alós convergem com a perspectiva de Rita Terezinha Schimdt que também traz aportes valiosos para a leitura do texto literário:

[...] a arte literária mantém uma relação dialética com a realidade não-verbal, com a realidade situada fora do universo linguístico. A obra literária não habita um mundo ideal, mas um mundo real do qual se alimenta e no qual atua, refletindo e interpenetrando o mesmo e, assim, influenciando idéias, valores e ação. (Schmidt, 2017, p. 40)

O avanço do debate promovido pelas correntes feministas expuseram alguns aspectos das opressões sofridas pelas mulheres, principalmente ao longo do último século, porém ainda há muito a se refletir sobre a sociedade, sobre a escrita, sobre as opressões sofridas por mulheres. Partindo da literatura escrita por estas mulheres, pretende-se neste texto estimular discussões e atentar para o desenvolvimento de um pensamento crítico visando a emancipação feminina em todas suas dimensões.

Pensando nisso, foram desenvolvidas oficinas partindo da leitura de obras literárias escritas por mulheres latino americanas, no qual o foco é a discussão sobre as impressões e problemas sociais contidos nos textos de cada escritora. Ao abordar essas narrativas, a literatura expõe diferentes formas de opressão e marginalização de gênero que, por vezes, são, normalizadas e invisibilizadas na sociedade. Ao tornar essas violências reconhecíveis nos textos literários, as autoras permitem que o leitor reflita criticamente sobre essas questões e reconheça a presença dessas práticas na estrutura social. A literatura, nesse sentido, pode exemplificar formas de violência psicológica, física, sexual, entre outras, que costumam ser perpetuadas dentro das relações de dominação patriarcal. Essa dinâmica pode atuar tanto nas questões pessoais, ao representar as violências vividas individualmente por muitas mulheres, quanto no âmbito social, ao desafiar normas e estruturas que sustentam a opressão feminina.

### **A literatura como reflexão social**

O desenvolvimento de oficinas literárias e os estudos da especialização em gênero estão interligados por elementos que promovem o entendimento sobre as dinâmicas de poder e opressão vivenciadas pelas mulheres ao longo da história. Pensando na literatura como espaço privilegiado para o debate das questões de gênero, organizou-se duas oficinas literárias destinadas às mulheres de Foz do Iguaçu, principalmente as trabalhadoras, as marginalizadas, as que passam por situações de violência e muitas vezes não são amparadas. A ideia de criar espaços de diálogo e reflexão crítica sobre a experiência feminina, particularmente no contexto latino-americano tem o intuito de formar um espaço dialético que, alinhado aos estudos de gênero, fomenta

interpretações da realidade através da arte, contribuindo para a construção de uma consciência crítica a respeito da opressão, da violência e do papel imposto às mulheres.

Para tanto, buscou-se o apoio do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Unila, que articula um projeto de extensão chamado “Oficinas de Literatura Comparada: Extensões da Pesquisa em Artes Narrativas”<sup>1</sup>. Este projeto, proposto pelo professor doutor Emerson Pereti, coordenador e docente do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), visa incentivar a articulação entre o público da pós-graduação, graduação, educação básica e a sociedade como um todo, a fim de promover a apreciação, reflexão e expressão artístico-literária. Com a colaboração entre acadêmicos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada (PPGLC) e estudantes do curso de Letras Espanhol/Português como Línguas Estrangeiras (LEPLE), o projeto previa o desenvolvimento de 12 oficinas temáticas. O eixo central foram pesquisas conduzidas no âmbito da pós-graduação que buscam promover debates sobre diversos temas relevantes para a sociedade contemporânea, como a luta contra o racismo, a violência de gênero e a desigualdade social.

As oficinas são pensadas para integrar diferentes esferas da educação e da comunidade, rompendo com a lógica racista, sexista, xenofóbica, eugenista, classista, homofóbica, transfóbica e conservadora que impera na microesfera municipal da cidade de Foz do Iguaçu/PR.. Por meio das oficinas, busca-se ampliar discussões sobre a sociedade e a cultura, bem como sobre ética, alteridade e justiça social por meio das narrativas artísticas.

Um dos focos do projeto é o atendimento a pessoas vulnerabilizadas socialmente, tais como aquelas assistidas pelos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e pelo Centro de Referência de Assistência à Mulher (CRAM). As oficinas foram desenhadas para promover a reinserção social e oferecer um espaço de reflexão para temas sensíveis, como a violência de gênero e as desigualdades sociais. O público-alvo incluiria, por exemplo, moradores de rua e mulheres vítimas de violência, que serão beneficiados com oficinas adaptadas às suas necessidades e realidades.

---

<sup>1</sup> O projeto foi registrado na PROEX/Unila sob o número PJ030, em 2023, com base no EDITAL PROEX n. 34/2022.)

O trabalho desenvolvido para este artigo, insere-se em uma destas partes, de maneira específica, no eixo da proposta de oficina sobre feminismo, literatura e violência de gênero, que aborda as descrições literárias da experiência feminina e das subjetividades de gênero em um contexto ainda dominado pelo patriarcalismo.

A promoção de uma oficina com essa temática é uma iniciativa que busca criar um elo entre a universidade e a comunidade externa, proporcionando um espaço de debate e reflexão sobre temas urgentes, como as questões de gênero e a formação crítica em relação à sociedade.

### **Mulheres e literatura: trajetórias narrativas**

Foram realizadas duas oficinas intituladas *Mulheres e Literatura: Trajetórias Narrativas*, com o objetivo de, a partir de textos literários, promover discussões sobre a existência da mulher na sociedade capitalista/patriarcal e as violências imputadas sobre elas. A intenção foi discutir os elementos que compõem as obras relacionando-os com nosso contexto social e nomear as violências sofridas, de modo que, ao identificá-las, possamos tomar consciência das opressões presentes na sociedade. As oficinas foram realizadas no Centro de Direitos Humanos e Memória Popular de Foz do Iguaçu (CDHMP), em parceria com alunas da Pós-graduação em Literatura Comparada da UNILA (PPGLC - UNILA). No primeiro encontro foram apresentados dois trechos de diferentes obras literárias e no segundo mais três fragmentos que compõem o escopo de pesquisa das alunas.

Os eventos foram abertos ao público em geral e divulgados através das redes sociais, tanto em páginas pessoais quanto nos perfis institucionais da universidade, e ocorreram, em um primeiro momento, no dia 01 de julho de 2023, e o segundo encontro em 02 de dezembro de 2023, ambos às 14h30min.

No primeiro encontro, além de contar com o apoio da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), foi feita uma parceria com o Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro<sup>2</sup>, atuante em Foz do Iguaçu e

---

<sup>2</sup> Cf. <https://anamontenegro.org/>. O Coletivo se organiza na luta contra a opressão e exploração das mulheres da classe trabalhadora, e constrói a luta pelo feminismo e pela superação da sociedade de classes.

região desde 2019, onde se fizeram presentes os membros do Coletivo, que integraram-se na organização e disponibilização de um café da tarde e também na impressão dos textos utilizados. Havia cerca de 20 pessoas participando do evento. Foram apresentados fragmentos da obra de Sheyla Smaniotto, intitulada *Desesterro* (2017), pela mestrandia Stefani Anderson Klumb, e também da obra *Garota, mulher, outras* (2020), da autora Bernardine Evaristo, apresentada por Inês Couto Macedo Ferreira. No fragmento proposto pela pesquisadora Stefani, disponível no anexo A, a autora nos apresenta uma cena de estupro descrita pelo próprio estuprador e, segundo Klumb, em sua monografia de conclusão de curso intitulada “Mulheres marcadas: A ficcionalização da violência contra a mulher na literatura brasileira” (2021), Sheyla Smaniotto, em uma entrevista, contou que, para construir este personagem, baseou-se no *Projeto Umbreakable*, desenvolvido por uma fotógrafa norte-americana, chamada Grace Brown, em que as mulheres vítimas de violência sexual seguram cartazes com as falas de seus agressores.

É uma narrativa que expõe a violência, capaz de chocar o leitor, pois o homem descreve a cena de forma naturalizada e se reconhece como um “homem de bem”, justificando seus crimes com a ideia de que a mulher “quer” aquilo, ainda que haja resistência física e emocional. Logo no início do parágrafo, é possível perceber que os abusos são cometidos contra uma criança e, no decorrer do texto, percebemos que o algoz é padrasto da menina.

O texto traz à reflexão temas como a objetificação da mulher, a posse de seu corpo como propriedade masculina e, conseqüentemente, sua desumanização. Em dado momento, o narrador define a vítima como uma “cadela”, e seu sofrimento é tomado como objeto de prazer para ele. Ao expor a violência sexual tão explicitamente, a obra permite o questionamento sobre a cultura patriarcal e como ela perpetua e justifica esses acontecimentos. Muitos agressores não se veem como culpados, mas elaboram justificativas para as violências impostas. A cena escolhida funciona também como crítica à impunidade dos agressores, bem como às estruturas sociais que permitem essas agressões.

Em seguida, Inês Couto Macedo Ferreira apresentou seu estudo sobre o livro de Bernardine Evaristo, *Garota, mulher, outras* (2020) e as representações de gênero na literatura. O trecho do livro que a pesquisadora apresentou,

disponível no Anexo B, descreve a personagem principal, uma mulher negra em ascensão no mundo corporativo. É relatada a luta da personagem Carole para ser reconhecida em um ambiente onde é subestimada por conta de sua raça e gênero, expondo suas experiências de discriminação e objetificação. A protagonista reflete sobre a necessidade de manter-se firme em seus posicionamentos de modo a disfarçar os desconfortos que sente.

A partir da obra de Evaristo, podemos refletir sobre o sexismo e o racismo nas relações sociais, especialmente em um ambiente majoritariamente masculino. E como os homens podem se valer de seu poder econômico para tentar desqualificar as mulheres e subjugar sua autonomia. As discussões também são relevantes, no ponto em que a obra inverte a estrutura tradicional de poder ao conferir o protagonismo sobretudo às mulheres negras. Ao explorar as relações de gênero, raça e classe, a obra evidencia as inúmeras desigualdades relacionadas a isso que persistem na sociedade.

A segunda oficina foi realizada no dia dois de dezembro de 2023, às 14h30min e contou com a participação e apoio de outras três estudantes, além da coordenação da Pós-Graduação de Literatura comparada. Nesta ocasião, o tempo estava chuvoso e acredito ser devido a isto que poucas pessoas compareceram, estávamos em 8 pessoas e foram apresentadas três narrativas em consonância com as discussões da primeira oficina. Inicialmente, a pesquisadora Dayane Pereira da Silva abordou a obra da escritora Maura Lopes Cançado, intitulada *Hospício é Deus* (2015). Os fragmentos utilizados para a discussão encontram-se disponíveis no Anexo C, e a obra se trata de um diário escrito pela autora, onde a mesma relata seus dias durante internações em clínicas psiquiátricas. Nas descrições feitas por Maura Lopes Cançado, percebe-se a desumanização com que as internas são tratadas e as violências sofridas pelas mesmas, além de expor as condições insalubres e o tratamento agressivo a que eram submetidas.

A violência retratada na obra vai além do ambiente físico, vai também de encontro ao campo simbólico. O hospital psiquiátrico é uma instituição que, na obra, representa a opressão não apenas dos funcionários ou da própria instituição sobre seus internos, mas também todo controle que a sociedade, de modo geral, exerce sobre as mulheres, especialmente àquelas que desafiam as normas, e então a loucura se torna uma justificativa para a exclusão.

Corroborando com as afirmações de Maura Lopes Cançado, a pesquisadora Maria Clementina Pereira Cunha, no artigo *Loucura, Gênero Feminino: As Mulheres do Juquery na São Paulo do Início do Século XX* (1989), descreve como a sociedade, e por consequência, a psiquiatria, indicavam sintomas de loucura e avaliavam o comportamento de mulheres e homens, mas principalmente das mulheres para que estas fossem internadas no hospital psiquiátrico no começo do século XX. Mulheres e homens eram internados no hospital Juquery, porém a psiquiatria definia padrões assimétricos de loucura para pessoas de sexos, de classes ou raças diferentes. Enquanto um homem se via internado por questões como a violência física extrema ou o alcoolismo, as mulheres eram enviadas por seus familiares ao hospital por não se comportarem de forma considerada adequada. Existia e ainda existe uma expectativa sobre o comportamento feminino. Da mulher da época era esperado um comportamento maternal, disposição para o casamento, dedicação à família e vestimentas apropriadas. Quando elas se mostravam diferentes do esperado, eram enviadas ao Juquery e os psiquiatras as diagnosticavam como loucas. E lá permaneciam durante o tempo que a família achasse necessário. As mulheres pobres ou pretas e de classe social baixa ainda sofriam repressões maiores e ficavam muito mais tempo no local, abandonadas ao esquecimento (Cunha, 1989, p. 126).

No relato de Cançado (2015), o louco é apresentado como um ser divino, que difere do “doente mental”, que tenta manter o vínculo com a “normalidade”. Essa diferença, segundo Dayane Pereira da Silva, nos apresenta o binarismo de uma das definições de mulher dentro do patriarcado: Mulheres que se submetem aos padrões impostos e aquelas que se rebelam, onde há consequências para as últimas, que são severamente punidas. Essas questões instigam a discussão em torno do controle do corpo da mulher e sua submissão aos padrões impostos pela sociedade, além das punições sumariamente impostas àquelas que desviam deste padrão. O relato de Cançado é uma denúncia contra as instituições, psiquiátricas ou sociais, que atuam para oprimir e silenciar as mulheres.

A segunda obra discutida pelo grupo nesta oficina foi apresentada pela pesquisadora Angélica Meirelles de Oliveira. Intitulada *Saboroso Cadáver* (2018) e de autoria de Augustina Bazterrica, a narrativa nos apresenta a uma realidade distópica, onde se torna inviável o consumo de carne animal e, assim, instaura-

se a produção para consumo, de seres humanos. A criação destas pessoas é feita em larga escala em um abatedouro. A violência simbólica e física, principalmente contra os corpos femininos, se mostra de forma cruel. A obra discute a vulnerabilidade de pessoas que, na narrativa, não são consideradas humanas e as relações de poder e controle de um regime político ditatorial. A pesquisadora nos apresenta elementos que incentivam a discussão, como a questão da opressão imposta pela hierarquia social de classes, onde os marginalizados e pobres são os primeiros a serem sacrificados para servir de alimento. Há também a problemática das relações de trabalho no abatedouro, pois a comparação entre humanos e animais abatidos nos mostra o distanciamento que se constroi para lidar com a brutalidade diária e como muitas vezes tratamos com naturalidade violências extremas por conta da socialização a que somos submetidos.

Por fim, a discussão se encaminha para a relação entre as mulheres e o capitalismo. A mulher criada para consumo, é chamada de fêmea, e em uma ocasião é entregue como presente, pois é considerada uma mercadoria. A linguagem utilizada para descrever esta mulher nos mostra a forma como o patriarcado, aliado ao capitalismo, torna o corpo da mulher vulnerável à exploração e a todo tipo de violência. A obra de Bazterrica traz à discussão a necessidade de reconhecer as violências, para que se inicie um processo de destruição dessa dinâmica de opressões.

Finalizando as apresentações, apresentei um trecho do livro *Chapada da Palma Roxa* (2019), da escritora Tereza Albués. O trecho escolhido relata o momento em que um personagem, chamado Loredano Papandroudís, decide se casar novamente, logo após a morte de sua esposa. Loredano é um homem grosseiro e insensível e considera sua nova esposa, Clementa Javal, como uma mercadoria com a finalidade de servi-lo e administrar a casa. A forma pejorativa como Loredano se refere à sua nova esposa, chamando-a de potranca ou montaria reforça a ideia machista de que as mulheres são consideradas por ele, como não-humanas. O texto permite uma crítica ao patriarcado, ao narrar as dinâmicas violentas que atravessam o corpo e a vida das mulheres e, assim como as demais discussões, nos remete ao reconhecimento das opressões sobre as mulheres, de modo a denunciar e superar essas estruturas.

A violência imposta sobre as mulheres manifesta-se de diversas maneiras, como exemplificado nos excertos dos livros selecionados para o desenvolvimento das oficinas. Segundo a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), são tipificados 5 tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. É importante definir cada uma delas e abordar sempre que possível em discussões com a sociedade, buscando o reconhecimento de sua existência, o que pode ajudar a prevenir muitas agressões.

A violência física consiste em qualquer ato que comprometa a integridade ou saúde física da mulher, incluindo agressões como espancamento, atirar objetos, sacudir ou apertar os braços, estrangulamento e lesões com objetos cortantes, ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo, tortura. A violência psicológica engloba ações que causam dano emocional, diminuição da autoestima ou busque exercer o controle sobre a mulher, como ameaças, constrangimento, humilhações e manipulações, o isolamento (proibir a mulher de sair ou falar com amigos e parentes), chantagem, ridicularização distorcer e omitir fatos para deixar a mulher em dúvida sobre sua memória ou sanidade (*gaslighting*)<sup>3</sup>. A violência moral refere-se a atos que configuram calúnia, difamação ou injúria, como emitir juízos morais sobre o comportamento da mulher, inventar mentiras a seu respeito ou acusá-la de traição. A violência sexual consiste em qualquer ato que force a mulher a presenciar, manter ou participar de uma relação sexual não desejada, incluindo estupro, impedimento de métodos contraceptivos, forçar um aborto, obrigar um casamento ou forçar prostituição. Por fim, a violência patrimonial é qualquer ação que envolva retenção, subtração ou destruição de objetos, documentos, bens, valores ou direitos da mulher, como controle financeiro, falta de pagamento de pensão alimentícia, destruição de documentos pessoais, furto ou extorsão. (Instituto Maria da Penha, 2024) <sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Segundo dicionário online de português, se trata de um neologismo que indica violência ou manipulação psicológica definida por abusos através dos quais alguém acaba por questionar a sua própria sanidade, duvidando de que algo realmente aconteceu, chegando a acreditar que tem uma percepção distorcida da realidade. Cf. <https://www.dicio.com.br/gaslighting/>

<sup>4</sup> Cf. <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>

## Considerações finais

As discussões realizadas nas oficinas demonstram como as manifestações artísticas e literárias, podem ser veículos de denúncia, como no caso das violências sofridas pelas mulheres. Representar elementos sociais da época em que se vive e se posicionar a respeito das configurações da sociedade através da obra literária são algumas das possibilidades da literatura. Antonio Candido, na obra *Literatura e Sociedade*, afirma que a análise crítica de uma obra depende de levar em conta a integralidade do romance, que é composto por suas questões particulares, estéticas e narrativas, assim como por fatores externos, o que proporciona uma interpretação “dialeticamente íntegra”:

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, nem como enquadramento, nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos. A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel, do qual se pode dizer, como Fausto do *Macrocosmos*, que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra (Candido, 2006, p.15).

As autoras, ao construírem suas obras, revelam vieses da realidade de muitas outras mulheres. A compreensão e a visibilidade das narrativas, além de funcionar como conscientização da opressão feminina, também dá ênfase ao trabalho literário de escritoras, visto que a representação da mulher na literatura passou e ainda passa por problemas históricos e estruturais. Os homens falavam sobre e pelas mulheres, enquanto elas ficaram por um longo período, limitadas a leitoras. E quando escreviam, suas obras eram classificadas como literatura “sentimental”, cujo resultado foi uma visão estereotipada da literatura feminina, onde ela era vista como “incapaz de produzir textos significativos” (Schimdt, 2017, p.60).

Assim, as discussões propostas nas oficinas, aconteceram para apresentar situações partindo de obras femininas, em torno de temas que remetem aos papéis desempenhados pelas mulheres, bem como as articulações da sociedade para limitar sua atuação em vários espaços e

fomentar as discussões sobre este assunto. As oficinas são uma forma de questionar as narrativas dominantes e buscam visibilizar mulheres marginalizadas e oprimidas, cujas vozes frequentemente não são ouvidas. Utilizando a literatura como uma ferramenta de análise crítica, conseguimos expor as estruturas que perpetuam a violência e, ao mesmo tempo, abrir espaço para o desenvolvimento de alternativas de combate. Assim, essas iniciativas podem promover a conscientização e também o fortalecimento da luta por uma sociedade onde as mulheres, suas experiências e forma de existir no mundo, sejam plenamente reconhecidas e respeitadas.

## REFERÊNCIAS

ALBUES. Tereza. **Chapada da Palma Roxa**. Cuiabá: Entrelinhas, 2019.

ALÓS, Anselmo Peres. Literatura Comparada ontem e hoje: Campo epistemológico de ansiedades e incertezas. **Organon**, Porto Alegre, v. 27, n. 52, 2012.

BAZTERRICA, Sugustina. **Cadáver Exquisito**. 3. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2018.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 8 de agosto de 2006. Define os crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acesso em: 31 ago. 2024.

CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus: Diário I**. 5. Ed.; 2 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 18, p. 121-144, 1989.

EVARISTO, Bernardine. **Garota, Mulher, Outras**. Tradução de Camila von Holdefer. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. Tipos de violência. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 31 ago. 2024.

PERETI, Emerson. **Oficinas de literatura comparada: Extensões da pesquisa em artes narrativas**. Foz do Iguaçu, 2023. Projeto de extensão. Universidade Federal da Integração Latino Americana.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Mulher e Literatura. Descentramentos/Convergências: ensaios de crítica feminista**. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p.39-70.

SMANIOTO, Sheyla. **Desesterro**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – TRECHO DO LIVRO *DESESTERRO* (2017)

— Vamos dizer que eu tive que fazer uma coisa. A coisa mesmo nem se importe. A senhora minha tia entende, um homem tem que fazer suas coisas, nem toda mulher é boa mulher, diacho, a senhora entende. Já viu a neta da Penha? Ela ficava na terra com as pernas arreganhadas, ela pequena e me fazendo querer arreganhar de vez aquelas pernas. Eu falei pra ela, conheço esse jogo de rapariga, esse jogo de quer não quer, eu sei bem o que você quer. Eu falei pra ela, eu sou boa pessoa, diacho, você sabe que já tinha era morrido de fome se eu não tomo conta de você, de sua mãe Aparecida. Eu ia falando com ela mas sabe a escuridão que deu esses dias? Eu ia falando de repente a escuridão de repente eu não via mais nada, minha tia, veio a escuridão e eu nem sabia mais onde ela estava, diacho, quanto menos a mãe dela. Agora você me agradece, eu aproveitei e falei pra ela. Ela ficou meio raivosa, acredita, minha tia? Ela ficou nervosa saiu tropeçando nas coisas e a cachorra junto dela, deve ser da louca da Penha, diacho, a cachorra não parava de latir. Desde pequena sentada na terra com aquelas pernas, e agora que eu ia ter o que é meu isso é jeito? Eu fui pai pra ela, minha tia, não quero que ela ache que sou má pessoa, então expliquei volte aqui eu gritei, mesmo na escuridão eu expliquei, ela é minha por direito, eu procurei a danada com as mãos eu achei ela se encontrando nas coisas, não via nada mas enxerguei Fátima na marra, mesmo com a cadelinha latindo desgraçada. Eu entendo esses jeitos de mulher dizer que não quer, minha tia, mas a vida não é só o que você quer, eu falei pra ela, eu falei quando ela começou a se debater, a cadelinha pregada na minha canela. A vida é dura, Maria de Fátima, você está achando o que? Eu sei que isso é jogo de mulher quer não quer, eu sei que você quer ou não tinha as pernas assim meio abertas, diacho, os peitos desse jeito embaixo dos panos, anda, aproveita que sua mãe não esta olhando, eu sei bem o que você quer. É normal ter medo, eu falei pra ela enquanto ela se debatia, a cadela na minha canela, é normal sentir dor, eu falei enquanto ela se debatia comigo nela, diacho, gostoso demais. No começo eu achei ela tinha entendido, mas a rapariga falou pra eu parar, minha tia, a Cida ia logo chegar e ela pedindo pra eu parar, acredita? Diacho, você não pode mudar de ideia no meio em caminho, eu bem que falei sem nem parar claro que

não, você foi deixando as pernas soltas esse peito perto de fora da roupa diacho esses peitinhos perto de mim que sou louco em mulher, queria o quê? Isso não é jeito, depois desse tempo todo com as carnes por perto esse tempo todo botando a saia mais comprida e eu faminto, acredita, minha tia? Eu decidi que ia continuar, ela não podia mudar de ideia no meio do caminho, o diacho da cadela na minha canela, devia era ser jogo de mulher quer não quer, essa maldita cadela. É verdade eu quis continuar ainda mais, diacho, tem coisas que um homem não tem que não fazer, eu nem sabia onde estava a mãe dela. Ela começou se debateu feito cadela, e eu queria ainda mais, diacho, quanto mais ela se debatia, a cadela, mais fundo eu ia nela. A outra cadela não largava minha canela. Daí eu tinha era mais sanha, porque ela bem que ficou merecendo, cadela, esse é bem o jeito de uma cadela querer. No começo eu falei pra ela não se incomodar, eu ia ser rápido, ela ia acabar era gostando, mas a rapariga se debatia, então ficou tendo o que mereceu. Só podia mesmo ser seu jeito de cadela de me querer ainda mais. Diacho, queria ter visto a cara dela, mas foi na escuridão, minha tia, na escuridão que deu esses dias. Começou a chorar, a desgraçada, como se eu estivesse fazendo mal pra ela. Eu aguentando esse tempo todo os dentes da cadelinha dela pregados na minha perna, eu aguentando sem nem fazer nada, diacho, e ela me tendo por diabo. Eu não sou má pessoa, não tem condição de eu fazer mal pra ela. Do jeito que ela chorava até parecia do jeito que ela chorava eu até fui gostando. Chutei a cadela. Sossega, eu martelei bem fundo nela, para de fingir que não gosta, eu sentia nas pernas putas dela que é disso que ela gosta, sentia nas mãos a cara rapariga dela, e ela resolvia mudar de ideia? Jogo de mulher quer não quer, diacho, igualzinho à mãe dela. Eu disse pra ela, eu não vou machucar você, para de fingir que não gosta ou eu vou machucar você, eu sei que você gosta, diacho, eu falei pra ela. A cadela voltou na minha perna e eu dei outro chute nela. Ela ficou chorando, esperneada, feito sonsa, assim é que eu gosto. A rapariga sabe o que faz, cala essa boca, eu falei, assim que eu gosto você se debatendo louca, eu falei pra ela. Diacho, a senhora entende, eu sei ela não é boa mulher, mas se debate que nem bicho no abate, raivosa, cravando as unhas, tentando sair pelas beiradas, diacho, gostoso demais. Eu fiquei esse tempo todo esperando vendo a rapariguinha lá na terra sentada com as pernas abertas enquanto pegava chupava engolia a mãe dela na beira da pia, eu fiquei esse tempo todo

esperando porque achei que ela não entendia. Mas a rapariga se debate como ninguém, minha tia, eu acabei foi gostando desse jeito dela se mexendo toda comigo dentro, raivosa, isso é o que um homem quer, devorar a puta enterrada nela, não uma cadelinha chorona, perninhas abertas na terra lá fora. Eu falei pra ela que a mãe dela ia ficar era brava com ela se descobrisse a putinha que ela é. Eu por mim fiquei louco, minha tia. Diacho. Achei que ela fosse outra, quieta, mas não, ela se debateu todinha em mim, diacho, gostoso demais. Bem o sol voltou e eu via a cara dela os olhos dela me encarando, eu vi a Fátima naqueles olhos, ela não parava de me encarar, acredita? Foi quando bateram na porta pra avisar que morreu a Cida. Fiquei doido só de pensar, fiquei doido, minha tia. Com a mãe de Fátima morta, ela não era mais minha filha. Fiquei doido só de pensar em outro homem indo lá devorando minha cadelinha, e de pensar nela se debatendo em vara que não é nem minha. Rapariga não quer saber de homem bom, minha tia, eu tive que dar jeito essa danada eu tive que dar um jeito dela ser minha. Eu saí de lá deixei ela e a outra cadela caída no chão fingindo de morta a putinha e fui ter com a vó dela. Fui bem direto: ela não dá mais pra homem certo, comi até o cu dela. A Penha dizem que é louca, mas é mulher boa, disse pra mim, Tonho, faça o que for preciso, só deixe a menina da Cida comigo. Parece que a Cida morreu tendo filha. Acredita? Vou casar, minha tia (Smanioto, 2018, p. 110-114).

**ANEXO B – TRECHO DO LIVRO GAROTA, MULHER, OUTRAS  
(2020)**

2

Carole está nos degraus prateados da escada rolante com as demais pessoas em deslocamento usando a paleta de escritório sombria enquanto todos são levados para o alto, do subsolo em direção ao céu, até o nível da rua em Bishopsgate está a caminho de uma reunião matinal com um novo cliente em Hong Kong cujo patrimônio líquido é várias vezes o PIB dos países mais pobres do mundo

está pensando que é bom ele não dar uma segunda olhada quando ela entrar na sala de reuniões

uma parede de vidro enorme com vista para Londres a outra exibindo um amontoado gigantesco de obras de arte dedutíveis do imposto de renda que custam o preço de uma casa na Zona 2

está pensando que é bom ele não olhar para ela procurando o carrinho com as garrafas de café, com seleção de chás (ervas, verde, preto, Ceilão) e aqueles biscoitos corporativos em embalagens individuais

ela está acostumada que clientes e novos colegas ignorem sua presença tentando achar atrás dela a pessoa que eles obviamente esperam encontrar

ela vai caminhar rápido até o cliente, apertar a mão dele com firmeza (ainda que de um jeito feminino), enquanto olha para ele cordialmente (ainda que de um jeito confiante) direto nos olhos e sorri com inocência, e diz seu nome com uma RP1, mostrando os seus lábios (graças-a-deus-não-muito-grossos) bonitos cobertos com um tom discreto de rosa, exibindo seus dentes perfeitos, enquanto ela absorve o choque entre expectativa e realidade e tenta não demonstrar isso, e ela assume o controle da situação e da conversa

com Carole é tudo uma questão de abrir vantagem, e ela aproveita essas pequenas conquistas, é assim que pensa nelas, sempre que pode

talvez ele se visse inesperadamente atraído por ela, o que os mais sofisticados tentam esconder, ao contrário do bilionário nigeriano da indústria petroquímica alguns anos atrás que queria expandir seu portfólio de investimentos para o cobre

que a convidou para um almoço de negócios no Savoy, só para ela descobrir que era na sala de jantar privada dele na Suíte Real

onde ele lhe mostrou os oito aposentos decorados com a opulência de um palacete: colunatas greco-romanas, lustres Lalique, bustos antigos em pedestais, papéis de parede de seda e pinturas inglesas bucólicas

ele indicou o colchão do quarto principal em que dava para fazer acrobacias com cada mola envolvida em caxemira

é como dormir no ar, srta. Williamas, ele disse enquanto mostrava o “menu de travesseiros” da suíte num cartão com letras prateadas em relevo

como se ela fosse o tipo de mulher que amputava as próprias aspirações para se tornar um dos acessórios decorativos dele

ela teve que se desvencilhar com polidez sem comprometer o negócio

deixando que soubesse que estava noiva, de Frederick Marchmont, disse para enfatizar

furiosa que ele quisesse minar seu profissionalismo duramente conquistado (Evaristo, 2020.)

## ANEXO C – TRECHOS DO LIVRO *HOSPÍCIO É DEUS* (2015)

Sem data

O que me assombra na loucura é a distância – os loucos parecem eternos. Nem as pirâmides do Egito, as múmias milenares, o mausoléu mais gigantesco e antigo possuem a marca de eternidade que ostenta a loucura. Diante da morte não sabia para onde voltar-me: inelutável, decisiva. Hoje, junto dos loucos, sinto certo descaso pela morte: cava, subterrânea, desintegração, fim. Que mais? Morrer é imundo e humilhante. O morto é náuseo, e se observado, acusa alto a falta do que o distinguia. A morte anarquiza com toda dignidade do homem. Morrer é ser exposto aos cães covardemente. Conquanto nos dois estados encontro ponto de contato – o principal é a distância. Ainda que só diante do louco tenha experimentado a sensação de eternidade. Nele não encontramos a falta. Nos parece excessivo, movendo-se noutra espécie de vibração. Junto dele estamos sós. Não sabendo situá-lo fica-se em dúvida: onde se acha a solidão? O louco é divino, na minha tentativa fraca e angustiante de compreensão. É eterno.

Estar internado no hospício não significa nada. São poucos os loucos. A maioria compõe a parte dúbia, verdadeiros doentes mentais. Lutam contra o que se chama doença, quando justamente esta luta é que os define: sem lado, entre o mundo dos chamados normais e a liberdade dos outros. Não conseguem transpor o “Muro”, segundo Sartre. É a resistência. Também se luta contra a morte, quando morrer talvez seja realizar-se. Se existe vergonha é na luta: perder o lugar no mundo, afetividade, direitos (direitos?). Então encontramos doença, morbidez, imensa soma de deficiências que se recusa a abandonar. Transposta a barreira, completamente definidos, passam a outro estado – que prefiro chamar de Santidade. A fase digna da coisa, a conquista de se entregar. O que aparentam é a inviolabilidade do seu mundo. Como os mortos, nada fazem para voltar ao estado primitivo – e embora todos tenhamos de morrer um dia, poucos alcançam a santidade da loucura (e quem prova estar o louco sujeito à morte, se passou para uma realidade que desconhecemos?). É a terceira vez que me encontro no hospital. O número de doentes é grande e poucos são os loucos (Cançado, 2021, p. 25).

12 de novembro de 1959

Já briguei duas vezes com as copeiras. São uns monstros de estupidez. Se falamos baixo, com delicadeza, respondem aos berros. Detesto o refeitório. Creio que todas o detestam. Imenso: duas mesas de pedra cinzenta, os bancos também de pedra. As mesas nuas. Tem-se impressão de necrotério, qualquer coisa relacionada com defunto. A fila de mulheres passa por um balcão onde cada uma apanha seu prato, já preparado. Além do prato de alumínio (gorduroso e sujo), um outro menor de sobremesa e colher (a ninguém é permitido comer de garfo). Gostaria de não sentir fome. É humilhante, como nos chiqueiros. Isto mesmo: comparação exata: jeito de necrotério, sanha de porcos, necrofagia.

Não sei exatamente o número. Mais ou menos trezentas mulheres. Mal se entra no refeitório se sente o cheiro. Cheiro de gente, gente sem se lavar. Algumas mulheres denunciam nos vestidos manchados de sangue a higiene exigida e desprezada aqui. E o cheiro. Cheiro de mulheres. Mulheres menstruadas e sem asseio. Procuo comer às pressas, sem mastigar, os olhos baixos evitando ver. Geralmente, é quase infalível, há uma ou mais brigas. Voa tudo pelos ares: pratos, colheres, copos de leite. Algumas doentes sobem nas mesas, metem os pés nos pratos das outras. Comida pelo chão, guardas gritando. Arrrrr. Sempre aparecem homens, guardas ou doentes, seguram as doentes mais agitadas, torcem-lhes os braços para trás, dão-lhes gravatadas, deixando-as roxas, sem respiração. As guardas andam tontas, soltando guinchos e berros. Mas quando a doente está presa, puxam-lhes os cabelos, ajudando a empurrá-la para o quarto-forte (Cançado, 2021, p. 47 – 48).

12 de novembro de 1959

Em geral a internada não reage. Tudo passa despercebido (como tudo de errado aqui dentro), a vítima deixa o refeitório sem tomar refeição, não faz queixa, permanece com fome até o dia seguinte. São estas coitadas que as guardas classificam de “boazinhas”. A verdade é que ninguém se incomoda com os maus-tratos dispensados aos doentes. As guardas dizem que devemos nos sentir felizes por termos o que comer. (Naturalmente não me dizem isso. Ah, se dissessem.) Médicos não sabem se comemos ou não. Sim: POR QUE O

MÉDICO VAI SE PREOCUPAR COM A SENSIBILIDADE DO DOENTE MENTAL? ELES GOZAM DE PERFEITA SAÚDE, PRINCIPALMENTE MENTAL. GOZAM REALMENTE OS MÉDICOS DE PERFEITA SAÚDE MENTAL? É a questão.

Se me tornar escritora, até mesmo jornalista, contarei honestamente o que é um hospital de alienados. Propalam uma série de mentiras sobre estes hospitais: que o tratamento é bom, tudo se tem feito para minorar o sofrimento dos doentes. E eu digo: É MENTIRA. Os médicos permanecem apenas algumas horas por dia nos hospitais, e dentro dos consultórios. Jamais visitam os refeitórios. Jamais visitam os pátios. O médico aceita, por princípio, o que qualquer guarda afirma. Se é fácil desmentir um psicopata, torna-se difícil provar que ele tem razão. Em prejuízo de um considerado “não psicopata”. Que é um caso a estudar: as guardas deste hospital são quase todas loucas. Ou oligofrênicas. (Cançado, 2021, p. 49).

26 de novembro de 1959

Se alguém perguntar por mim  
Não pertenço a ninguém

Devo escrever sempre no princípio de cada página do meu diário que sou uma psicopata. Talvez essa afirmação venha despertar-me, mostrando a dura realidade que parece tremular entre névoa longa e difícil que envolve meus dias, me obrigando a marchar, dura e sacudida – e sem recuos.

O hospício é árido e atentamente acordado. Em cada canto, olhos cor-de-rosa e frios espiam sem piscar. Os dias neutros. As tardes opacas, vazias, quando um ruído assusta, como vida surgida rápida, logo apagada – extinta. As mulheres presas no pátio deixam as seções quase vazias; poucas permanecem, como eu, aqui dentro o dia todo. Não frequento o pátio e isto me dá, ainda aqui, e usando uniforme do hospital, a sensação de estar à margem. Algumas mulheres sonâmbulas andam vagas pelos corredores cinzentos. Outras, sentadas no cimento fresco, olham nada, perdendo-se em distâncias incomensuráveis – brancas. Às vezes uma guarda sobe a escada, entra na seção conduzindo uma mulher rasgada e sangrando: “Brigou no pátio”. Diz com

indiferença. Ando pelo corredor. Meu rosto busca quieto. Desço as escadas. Embaixo algumas mulheres falam alto, discutem ou cantam. Nada encontro e volto. Um rosto pálido me olha, longo, sem falar. De cócoras, no corredor, ela tem o infinito nos olhos. Por um momento quase indago, mas me limito a sorrir-lhe. Continua longe, sem se mover. Meus pés descalços pisam o cimento dos corredores – em busca. Que posso encontrar aqui? Me pergunto, branca e limpa de fazer dó. Os dormitórios vazios e impessoais são cemitérios, onde se guardam passado e futuro de tantas vidas. Cemitérios sem flor e sem piedade: cada leito mudo é um túmulo, e eu existo entre o céu e esta dormência calada (Cançado, 2021, p. 75)

01 de fevereiro de 1960

Fui hoje ao pátio com Isabel. Não creio que a descrição do inferno, na Divina Comédia de Dante, possa superá-lo. Ocorreu-me quando estava lá, pensar na tranquilidade dos cemitérios. A toda família é tolerável e às vezes confortador visitar o túmulo de um parente. Mas é proibido entrar no pátio de um hospício. Nenhuma família resistiria, estou certa. Metade descoberto, a outra metade é um galpão. Um banco frio de pedra vai de ponta a ponta. Junto à parede, que contém várias inscrições. Parecem ser de dona Auda. “Hospício + Bidu Sayão + Cemitério + Auda G. A + Cemitério + Hospício + + + +”

Ao lado o sanitário imundo. O rádio ligado bem alto só transmite músicas. A sensação que se tem é esquisitíssima. E não poderei descrever bem o quadro nem minha emoção. O cinema captaria exatamente. Algumas mulheres se conservam imóveis, absurdas, fantásticas, sentadas no banco ou no chão de cimento. Mudadas, incomunicáveis, olhando nada aparentemente, talvez percebendo em excesso. “Quantos mundos visitei?” – já disse também isso num poema. Uma pretinha esquisita e suja dança – perfeita, no ritmo violento do jazz. Outras tentam acompanhá-la. Mulheres tristes, deitadas sem decoro. Uma velha blasfema. Outra: “Descobri o segredo da Bomba Atômica. Por isso me prenderam aqui. Deixem-me sair”. O pátio de mulheres. Algumas andam, outras permanecem imóveis. Qual o segredo de passar a vida, em luta ou renúncia? – renunciar a quê? Lutar por quê? Se para todas as portas estão trancadas – os muros altos definem claramente. “Meu Deus!” (Alguém deve gritar.) Às vezes

uma voz supera as outras: pragas, maldições e revolta: “Por quem sois, levai-me” (para onde? como? a quem?). Das sete da manhã às seis da tarde o pátio existe, sufoca, mata, oprime. Um dia. Tempo. Que tempo? Que horas são? Coisas guardadas ou dadas de presente. Ou arrancadas em parto doloroso.

— Quem me roubou o direito de provar que sofro?

Respondo:

— O pátio.

— Que vivo?

— O pátio.

— Que quero?

— O pátio.

— Quem me ouviria?

— O pátio.

— Quem não me ouviria?

— O pátio.

— Quem sabe?

— O pátio.

— Quem não sabe?

— O pátio.

PÁTIOOOOOOOOOO.

Não continuarei. Sairei louca gritando. Até quando haverá pátios? Mulheres nuas, mulheres vestidas – mulheres. Estando no pátio não faz diferença. Mas esta mulher, rasgada, muda, estranha, um dia foi beijada. Talvez um bebê lhe sorrisse e ela o tomasse no colo, por que não? Não aceito nem compreendo a loucura. Parece-me que toda a humanidade é responsável pela doença mental de cada indivíduo. Só a humanidade toda evitaria a loucura de cada um. Que fazer para que todos lutem contra isso? Não acho que os médicos devam conservar ocultos os pátios dos hospícios. Opto pelo contrário; só assim as pessoas conheceriam a realidade, lutando contra ela. ENTRADA FRANCA AOS VISITANTES: não terá você, com seu indiferentismo, egoísmo, colaborado para isto? Ou você, na sua intransigência? Ou na sua maldade mesmo? Sim, diria alguém, se pudesse: recusaram-me emprego por eu ter estado antes internado num hospício. Sabe, ilustre visitante, o que representa para nós uma rejeição? Posso dizer: representa um ou mais passos para o pátio. – Eu quis,

mas não posso viver junto deles. Que fazer? Odeio-os então por isto. Trancar-me – voltar para o pátio, onde não serei recusada. Fugir. Fuga na loucura (CANÇADO, 2021, p. 159 – 160).

## **ANEXO D – TRECHOS DO LIVRO *CADÁVER EXQUISITO* (2018)**

- 1- De que maneira é representada a luta de classes?
- 2- De que forma ocorrem as relações de trabalho?
- 3- Como a mulher se torna mais vulnerável diante de um contexto capitalista?

Contextualização: “Houve grupos que começaram a matar e a comer pessoas de forma clandestina. A imprensa registrou o caso de dois bolivianos desempregados que foram atacados, esquartejados e assados por um grupo de vizinhos. Quando ele leu essa notícia, sentiu calafrios. Foi o primeiro escândalo público, também o que instalou na sociedade a ideia de que, apesar de tudo, carne é carne, não importa de onde venha. [...] Em alguns países, os imigrantes começaram a desaparecer em massa. Imigrantes, marginais, pobres. Foram perseguidos e, talvez, sacrificados. A legalização foi levada adiante quando os governos foram pressionados por uma indústria bilionária que estava parada. Os frigoríficos e as regulamentações foram adaptados. Pouco tempo depois, começaram a ser criados como gado de corte para abastecer a demanda massiva de carne” (p. 30)

### **Grupo 1: O TRABALHO**

Acorda com o corpo coberto de suor, pois sabe que o espera outro dia de abate de humanos. Ninguém os chama assim, pensa, enquanto acende um cigarro.

Ele não os chama assim quando tem de explicar a um novo funcionário como funciona o ciclo da carne. Poderiam prendê-lo por falar isso, poderiam inclusive enviá-lo ao Matadouro Municipal e industrializá-lo. Assassiná-lo seria a palavra exata, embora não permitida. Enquanto tira a camiseta embebida de suor, tenta afastar a ideia persistente de que são isto, humanos, criados para ser animais comestíveis. Abre a geladeira, serve-se de água gelada, toma-a devagar. Seu cérebro o adverte que há palavras que encobrem o mundo (p. 28). [...] Todos trabalham em total silêncio. À primeira vista, parece quase transcendental, um silêncio zen, mas é porque o sr. Urami os observa lá de cima, do escritório. Não apenas vigia e controla os funcionários, como também tem câmeras por todos os lados (p. 34).

## **Grupo 2: O PRESENTE**

[...]

Quando escuta a buzina, solta o chimarrão, exaltado, e se queima.

Alguém bate palmas e grita seu nome.

— Olá, sr. Tejo?

— Olá. Sim, sou eu.

— Trago um presente do Gringo. Assina aqui?

Ele assina sem prestar atenção no que está assinando. O homem entrega um envelope a ele e depois vai até o caminhão.

Abre a porta traseira, entra e tira uma fêmea.

— O que é isso?

— Uma fêmea PGP.

— Leve isso embora, vá! Agora.

O homem fica parado, sem saber o que fazer. Olha para ele desconcertado. Ninguém seria capaz de rejeitar um presente daqueles. Com a venda dessa fêmea dá para acumular uma pequena fortuna. O homem puxa a corda amarrada no pescoço da fêmea, sem saber o que fazer. A fêmea se move, submissa.

— Não posso. Se eu voltar com ela, o Gringo me põe na rua.

Ajusta a corda e entrega a ele a outra ponta. Como ele não a segura, o homem joga a corda no chão, dá alguns passos apressados, sobe no caminhão e parte (p. 48).

## **Grupo 3: A FÊMEA**

[...]

Olha o cabelo liso que ainda não foi cortado e vendido. É longo e está sujo.

Há uma certa pureza nesse ser impossibilitado de falar, pensa, enquanto com um dedo percorre o contorno do ombro, de um braço, do quadril, das pernas até chegar aos pés. Não a toca. O dedo está a um centímetro da pele, a um centímetro das siglas PGP espalhadas pelo corpo todo. É belíssima, pensa, mas tem uma beleza inútil. Não é porque é bela que será mais saborosa. Não se surpreende com esse pensamento, nem sequer se fixa nele. É o que pensa sempre que se depara com uma cabeça que chama sua atenção no frigorífico. Alguma fêmea que se destaca dentre as tantas que passam por lá todos os dias.

Deita-se a seu lado, bem perto, sem encostar nela. Sente o calor do corpo, a respiração lenta, pausada. Aproxima-se mais um pouco. Respira no ritmo dela. Lento, mais lento. Sente seu cheiro. É forte porque está suja, mas ele gosta, parece o cheiro inebriante do jasmim, selvagem e agudo, alegre. Sua respiração se acelera. Algo o excita, essa proximidade, essa possibilidade. Levanta-se de repente. A fêmea acorda assustada e olha para ele confusa. Ele a segura pelo braço e a leva, sem violência, mas decidido, para o galpão (p.98).

#### **Grupo 4: O FILHO**

[...]

— O que uma fêmea está fazendo na minha cama? Por que você não chamou um especialista?

— É meu filho.

Ela olha para ele com nojo. Afasta-se alguns passos, fica de cócoras e segura sua cabeça, como se tivesse uma queda de pressão.

— Você está louco? Quer acabar no Matadouro Municipal?

Como pôde ficar com uma fêmea? Você é doente.

Ele se aproxima, levanta-a devagar e a abraça. Depois diz a ela:

— O líquido amniótico está verde, Cecilia. O bebê vai morrer.

Como se ele tivesse pronunciado palavras mágicas, ela se levanta e diz para começar a ferver água, que traga toalhas limpas, álcool, mais travesseiros. (p.198)

[...]

Ele se levanta e entrega seu filho a Cecilia, que o aninha e canta para ele. Ele diz “agora é nosso”, e ela o olha sem poder responder, emocionada, confusa.

Cecilia só olha para o bebê, chora em silêncio. Acaricia-o e diz:

“Que neném mais bonito, que pequenininho mais bonito. Como vamos te chamar?”(p.200).

#### **Grupo 5: A MORTE**

Ele vai à cozinha e volta com algo na mão direita.

Tudo que Jazmín consegue fazer é esticar os braços para tocar seu filho, desesperada. Tenta se levantar de novo, mas se machuca com os pedaços do vidro da luminária quebrada no chão.

Ele se posiciona atrás de Jazmín, que o olha com desespero.

Primeiro abraça-a e beija a marca de fogo. Tenta acalmá-la. Depois se ajoelha e diz “fica tranquila, tudo vai ficar bem, fica tranquila”.

Passa os panos molhados por sua testa para limpar o suor. Canta

“Summertime” em seu ouvido.

[...]

Enquanto arrasta o corpo da fêmea até o galpão para abatê-lo, ele responde com uma voz radiante, tão branca que machuca: “Tinha o olhar humano do animal domesticado” (p. 202).

## **ANEXO E – TRECHO DO LIVRO *CHAPADA DA PALMA ROXA* (2019)**

Loredano vivia mais no garimpo do que em casa. Mas na época de férias, quando Miranda voltava do colégio, ele não se ausentava. Precisava vigiá-la. Com outros filhos não se importava. Homens feitos, encaminhados, tocavam um armazém de secos e molhados. Prosperavam. Filha mulher é diferente, especialmente Miranda, cheia de viço e boniteza. Seios, pernas, cintura fina, pele alva feito porcelana, corpo perfeito. Então não vejo o olhar de cobiça dos frangotes? Só de imaginar que alguém possa tocá-la meu sangue ferve. Ninguém vai manchar a pureza de minha filha. Não posso me descuidar.

Viúvo, 54 anos, decidira casar pela segunda vez com Clementa Javal, moça troncuda, acostumada a trabalhos pesados, filha mais velha do criador de cavalos Armando Javal.

Aos 36 anos, desesperada pra encontrar marido, a moça viu em Loredano a sua última chance de não amargar a vida sozinha. As três irmãs mais novas passaram a sua frente. Já estavam casadas e mães de filhos. Só ela continuava na prateleira. Percebia os olhares zombeteiros dos vizinhos. Cochichavam às suas costas. Com certeza diziam: Essa vai ficar pra “titia”. Que vergonha! Solteirona é malvista, pessoa marcada, sem sorte. Santo Antônio a livrasse desse destino. Até os pais se sentem encabulados com os amigos. A presença da filha que sobrou, como se fosse mercadoria refugada, incomoda. O viúvo apareceu na hora certa. Estava salva. Bom partido, maduro, dono de garimpo, caminhão, casa confortável. Loredano viu na moça a parceira ideal para tomar conta da casa. Lavar, passar, cozinhar. E a potranca deve ser boa de cama. Com essa bundona, pernas roliças, peitos avantajados, pontudos, querendo pular pra fora do decote da blusa de malha. A cara não ajuda, mas que importa? Mulher feia é até melhor. Não dá trabalho. Dispensa vigilância.

Estefânia, sua primeira esposa, era o oposto de Clementa. Delicada, fina, educada no Colégio Sacré Coeur de Marie. Livros, pinturas, bordados, piano, nada entendia de afazeres domésticos. Sofreu muito na companhia de Loredano. Casamento arranjado pelos pais, sem amor, sem afinidades. Seis filhos, um atrás do outro, imposição do marido. O sexo, um martírio a que se submetia sem prazer, só sentia medo cada vez que ele a procurava. Teria enlouquecido não fosse Lídia, sua antiga babá que cuidara dela desde menina.

- Tenha paciência, dona Estefânia, seu Loredano ama a senhora mas não sabe demonstrar, um dia ele aprende.

- Lídia, sua bondade me comove. Não sei o que seria de mim sem você.

Sentindo a morte por perto, recomendou os filhos a velha amiga, especialmente Miranda. Única filha, sensível, delicada. Não a deixasse sofrer. Protegesse a menina das brutalidades do pai. Partiu sob a neblina fria do mês de junho, andorinhas cinzentas batendo asas de arribação.

Aos treze anos, Miranda se viu, de repente, sem a companhia da mãe, a grande amiga com quem conversava durante horas sobre a vida, amor e literatura. Um mundo que percorriam secretamente, mãos dadas, sem interferências. De tristeza chorava muito. Vestidos, livros, fotografias, pianos, os pertences de Estefânia reavivando lembranças. Não se conformava.

Pouco tempo depois Loredano comunicou aos filhos que havia arranjado uma noiva, casamento marcado. “Um homem não pode viver sem mulher”. Miranda muito chocada com a atitude do pai recusava-se a aceitar que uma estranha tomasse o lugar da mãe ainda viva na sua memória. Como ele pôde esquecê-la tão depressa?

- Talvez não agüente a solidão, ele amava a sua mãe.

- Não acredito.

Lídia, sem argumentos para contestação, calou-se cheia de tristeza, a imagem de Loredano se sobrepondo. Bruto, apetite sexual insaciável, se vangloriava. Podia “comer” dezenas de mulheres na mesma noite. As putas da zona eram testemunhas. Duvida? Pergunte a elas. Nenhuma vai negar.

- Sou muito macho. Tô sempre pronto pra uma boa trepada. – A camisa aberta, exibindo o peito cabeludo.

Um mês depois Clementa Javal chegou pisando duro ao lado do marido. Loredano apresentou a nova esposa aos filhos: Aristóteles, Dario, Zoroastro, Nicola, Alexandre. Miranda se trancara no quarto. Aos empregados: Lídia, Guaixara – o antigo capanga, agora na função de zelador – e sua mulher Jurandira, linda cabloca, cabelos negros azulados, rosto redondo, sorriso adocicado, olhar baixo fitando os dedinhos do pé.

- Aqui está minha patroa, Clementa Javal. Forte como uma égua. Saúde de ferro – falou o patrão, orgulhoso, dando sonoro tapa nas ancas da nova montaria. (Albues, 2019, p. 31)

## ANEXO F- FOTOS DAS OFICINAS



